

Livros para crianças e literatura infantil: convergência e dissonâncias¹

Ricardo Azevedo*

Quem se dispuser a visitar escolas para conversar com crianças e professores cedo ou tarde vai escutar frases do tipo “o problema aqui é que os alunos, principalmente depois dos nove, dez anos, não querem mais saber de ler”.

Existem, provavelmente, diversos fatores influenciando negativamente no processo de formação de leitores: o descompasso entre o preço dos livros e a precária condição social de boa parte dos alunos; a falta de bibliotecas e salas de leitura; a quase inexistência de livrarias; o convívio de crianças com adultos, inclusive professores, sem o hábito da leitura, entre outros.

Há mais um: a imensa confusão diante da variedade de livros, refiro-me àqueles dirigidos ao público infantil, oferecida pela indústria editorial.

Basta examinar essas obras de perto para verificar que não formam um grupo homogêneo mas, sim, conjuntos diferentes com características bastante específicas.

Mesmo correndo riscos, pois as fronteiras entre os diferentes grupos nem sempre são nítidas, vale a pena tentar separar os livros de literatura infantil propriamente dita, o principal assunto aqui, de outros que utilizam o objeto livro como suporte.

Antes de mais nada, é bom ressaltar, todas as categorias de livros são importantes, têm seu espaço conceitual e sua razão de ser. A indiferenciação entre elas, entretanto, constitui um engano que pode confundir leitores, autores, editores, professores e críticos. Mais que isso: a meu ver, tem afastado o leitor da literatura.

Como veremos, livros para crianças e literatura infantil são assuntos que, em princípio, podem pouco ou nada ter em comum.

Examinando o material oferecido nas prateleiras das livrarias, encontramos os seguintes tipos de livros:

1) Os *didáticos*: livros essencialmente utilitários, constituídos de informações objetivas que, em resumo, pretendem, exclusivamente, transmitir conhecimento e informação. São, por princípio, instrumentos ligados ao ensino, aos programas educacionais e às matérias do currículo escolar regular. Olhando bem, costumam apresentar, em seus textos, uma linguagem impessoal e neutra, construída de forma a obedecer os parâmetros oficiais da Língua. Para o livro *didático*, é fundamental passar informações e mensagens da forma mais clara, objetiva e simples possível, sem dar margem a nenhum tipo de interpretação. Seu texto busca, portanto, ser transparente, objetivo, direto, unívoco e conclusivo. Duas outras coisas: a) essas obras são sempre comprometidas com o conhecimento científico oficial e, quase sempre, com os valores sociais vigentes; b) necessitam de atualização periódica,

¹ Artigo escrito a partir de nossa dissertação de mestrado “Como o ar não tem cor se o céu é azul? Vestígios dos contos populares na literatura infantil” apresentada em 1998 e disponível na biblioteca de Letras da Universidade de São Paulo. Publicado no “Jornal do Alfabetizador” – Porto Alegre – Editora Kuarup – Ano XI - nº 61 p. 6-7 e na Revista “Signos” Ano 20 nº 1, Lajeado, Univates, 1999, p. 92- 102, ISSN 1413-0416.

* Ricardo Azevedo, escritor e ilustrador, é doutor em Letras pela Universidade de São Paulo.

afinal, o conhecimento científico vive em permanente evolução, fundada em novas descobertas, teorias, tecnologias e metodologias.

Alguns exemplos do texto didático:

“Há uma tendência muito forte para confundirmos os *fonemas* com as *letras*. É importante que você não faça essa confusão. Os fonemas são *sons*, são *falados* e *ouvidos*. As letras são sinais *escritos* que procuram representar esses sons; assim, colocadas sobre o papel, as letras são *visíveis*. Confundindo letras e fonemas, você correrá o risco de não perceber certos detalhes importantes da *Fonologia*, que é a parte da Gramática que estuda os fonemas.”²

Ou

“O Brasil é banhado pelo oceano Atlântico, desde o cabo Orange até o arroio Chuí, numa extensão de 7.408 km, que aumenta para 9.198 km se considerarmos as saliências e reentrâncias do litoral, ao longo do qual se alternam praias, falésias, dunas, mangues, recifes, baías, restingas e outras formações menores.”³

Ou

“Nem todos os homens teem a mesma côr. Não é igual a sua maneira de viver em toda a parte. Teem costumes e hábitos diferentes (...) Os negros matam as aves e os animais com flechas, *porque* não teem espingardas. Os povos selvagens precisam as vezes, de ser castigados, *porque* são maus. Não sabem lêr e escrever *porque* não querem. Eu não quero comer *que* não tenho fome. Tu não comerás *que* não tens fome. Êle comeria *porque* tem fome. Estuda *que* aprenderás. Estudarei *porque* preciso.”^{*}

Cito esse último texto de propósito. Foi retirado de um livro português do início de século, por sinal, maravilhosamente ilustrado, destinado a crianças pequenas. Através dele, fica clara a necessidade, urgente urgentíssima, de atualização periódica apresentada pelo livro *didático*.

2) Os livros *paradidáticos*: também essencialmente utilitários, constituídos de informações objetivas que, em resumo, pretendem transmitir conhecimento e informação. Em geral, abordam assuntos paralelos ligados às matérias do currículo regular, de forma a complementar aos livros *didáticos*. Por exemplo: uma publicação sobre a Mata Atlântica discutindo aspectos da ecologia, criada de forma a complementar o livro de Biologia utilizado regularmente em sala de aula. É importante lembrar que o grupo dos *paradidáticos* pode apresentar diferentes graus de didatismo. Fazem parte do mesmo conjunto obras praticamente equivalentes ao livro *didático* e outras onde a ficção se destaca. São aquelas

² NICOLA, José de e INFANTE, Ulisses. *Portugues Palavras e Idéias* 8ª Série. São Paulo, Scipione, 1990, p. 10.

³ ANTUNES, CELSO. *Geografia do Brasil* 2º Grau. São Paulo, Scipione, 1990, p.53.

* Texto extraído de um livro didático ilustrado, publicado provavelmente em Portugal, no começo do século. Tenho a obra em mãos mas ela, infelizmente, não apresenta nenhum dado bibliográfico, nem mesmo o título.

que, através de uma história inventada, pretendem ensinar o leitor a não ter medo do dentista ou a amar a natureza. Em outras palavras, mesmo lançando mão da ficção e da linguagem poética, os livros *paradidáticos* têm sempre e sempre o intuito final de passar algum tipo de lição ou informação objetiva e esclarecedora. Como nos *didáticos*, ao terminar de ler uma obra *paradidática*, todos os leitores devem ter chegado à uma mesma e única conclusão. Quais seriam os temas dos livros *paradidáticos*?

Resumindo, justamente assuntos como a preservação do meio ambiente; a educação sexual; a prevenção de doenças; o amor à natureza; a educação moral e cívica; os livros sobre a emancipação feminina; a cidadania; a igualdade entre os sexos; os direitos humanos; os direitos das minorias; os direitos do consumidor; as fobias tipo medo de dentista e medo de escuro; as maravilhas da matemática; as características da vida no campo e da vida na cidade; os animais em extinção; a prevenção contra o uso de drogas, entre outros temas, vistos sempre, repito, do ponto de vista do conhecimento objetivo, didático e utilitário.

A obra de Monteiro Lobato, fundadora, num certo sentido, de nossa moderna literatura para crianças, curiosamente apresenta uma espécie de hibridismo: por um lado, leva o leitor a penetrar em um microcosmo mágico, original, ricamente ficcional, composto por personagens como Emília, Visconde de Sabugosa, o Marques de Rabicó, as viagens com o pó de pirilimpimpim etc.; de outro lado, é repleta de utilitarismo, recorrendo inúmeras vezes à intenção pedagógica. Vejamos um trecho de *Serões da Dona Benta*, onde a boa senhora explica como nosso planeta se formou:

“Pedrinho abriu a boca e Dona Benta continuou:

– A nova hipótese diz que durante o tempo em que a nebulosa formada pelo derrame da estrela se fixou na forma dos planetas atuais, um dos pedaços passou a ser a nossa Terra – mas muito menor que hoje. A Terra foi crescendo à custa dos meteoritos que constantemente caíam sobre ela, como ainda hoje acontece, embora em menor quantidade.”⁴

Note-se que o livro *paradidático*, a exemplo do *didático*, também necessita periodicamente de atualização.

Continuo com um poema de Guilherme de Almeida:

“Todos sabem que Marina
é muito boa menina,
embora tal não pareça,
porque é um pouquinho travessa...
Estudiosa, comportada,
anda sempre muito asseada,
ouve a mamãe, não reclama,
vai cedinho para a cama”⁵

Ou com este de Maria da Conceição Torres Garcia:

⁴ LOBATO, Monteiro. *Serões de Dona Benta*. São Paulo, Círculo do Livro, 1989, p. 178.

⁵ “O sonho de Marina”, de Guilherme de Almeida, apud ZILBERMAN, R.; LAJOLO, M. *Literatura Infantil Brasileira - História & Histórias*. São Paulo, Ática, 1984, p. 146.

“Um pão.
De um lado
Bastante creme de leite,
Orégano e azeite.
Do outro
Bastante requeijão.
Uma fatia de tomate...
Agora uma sardinha
–Dessas em latinha–
Uma pitada de sal
Nunca vai lhe fazer mal.
E olhe...Antes que alguém lhe peça...
Coma tudo bem depressa!

É brincadeira...
Mastigue direitinho
Pra sentir bem o gostinho!”⁶

São textos que manipulam informações concretas, conceitos supostamente mensuráveis ou normas de bons costumes e, ao mesmo tempo, recorrem à ficção através de um discurso literário e poético. Por serem essencialmente informativos, repito, os livros *paradidáticos* também necessitam de atualização periódica: a astronomia muda; os países mudam; a ecologia muda; dentistas já deram mais medo; minorias sociais mudam; os costumes, a família, a economia, a pedagogia ou as posturas diante da sexualidade, também.

3) *Livros-jogo*, como por exemplo as obras *Onde está Wally?*, *Olho mágico* etc, independentemente de seu eventual interesse, não têm nada a ver com a literatura infantil. Pertencem ao grupo dos jogos e passatempos como o *Banco Imobiliário*, *Mico*, *War*, o baralho, os vídeo games e outros, com um diferencial: utilizam o livro como suporte.

4) *Livros de imagem*: são aqueles que contam histórias através de imagens, abdicando do texto verbal. Na verdade, podem ser didáticos ou não. Muita gente, curiosamente, acredita que os *livros de imagens* foram concebidos tendo em vista, exclusivamente, crianças pequenas, não alfabetizadas. Ora, vivemos num tempo onde a linguagem visual é extremamente representativa e faz parte da nossa vida cotidiana, vide o cinema, a televisão, vídeos, CD-roms, clips, publicidade etc. Não há nada que impeça um *livro de imagens* de ser dirigido, por exemplo, ao público adulto. Em outras palavras, os *livros de imagem* correspondem a uma linguagem que pode ser empregada de diversas maneiras.

5) Abro um parênteses para falar do CD-rom. Trata-se de um novo suporte, talvez de vida curta por conta dos avanços da Internet, que pode atuar como instrumento pedagógico, ser um jogo e, eventualmente, funcionar como um novo suporte para obras literárias ou artísticas.

⁶ GARCIA, Maria da Conceição Torres. Coma este poema. São Paulo, Arte Livre, 1983, p. 13.

6) Chegamos, finalmente, aos livros de *literatura infantil*, na verdade, a real preocupação aqui. Não vou nem tenho a pretensão de definir a literatura, assunto complicado, cheio de opiniões e teorias, por vezes, antagônicas. Mesmo assim, é possível fazer certas afirmações. A literatura, por exemplo e em termos, é uma arte (em oposição à ciência) feita de palavras; utiliza sempre e sempre o recurso da ficção (senão seria História, reportagem, biografia etc.); tem motivação estética (ou seja, em princípio não tem utilidade fora buscar o belo, o poético, o lúdico e o prazer do leitor); não é, portanto, utilitária (é “inútil” no sentido de que, objetivamente falando, não serve para nada, nem pretende ensinar nada); recorre ao discurso poético (quer dizer, preocupa-se com a linguagem em si, com sua estrutura, seu tom, seu ritmo, sua sonoridade); vincula-se à voz pessoal, à subjetividade, ao ponto de vista inesperado e particular sobre a vida e o mundo (note-se que no livro *didático* a visão pessoal é substituída pela perspectiva impessoal, enraizada em valores pré-determinados e consensuais); pode e costuma ser ambígua (ao suscitar diferentes interpretações); pode brincar com as palavras e até inventá-las (ou seja, não precisa seguir rigidamente os parâmetros oficiais da Língua); tem a ver, por exemplo, com conceitos como a aventura, o romance, o suspense, a tragédia (na literatura infantil: *Seis vezes Lucas* de Lygia Bojunga ou *Dias difíceis* de Fanny Abramovich), a comédia etc. A literatura costuma tratar de assuntos, subjetivos por princípio, sobre os quais não tem cabimento dar aula: a paixão, a morte, a busca do auto-conhecimento, a amizade, a alegria, os afetos, as perdas, o desconhecido, o imensurável (o gosto, o prazer, o amor, a beleza etc.), a busca da felicidade, a astúcia, o ardil, os sonhos, a dupla existência da verdade, a relatividade das coisas, a injustiça, o interesse pessoal versus o coletivo, o livre arbítrio, a passagem inexorável do tempo, o paradoxal, o conflito entre o velho e o novo etc. Na verdade, ela pode falar de qualquer tema, todos os abordados pelos *paradidáticos* por exemplo, desde que o mesmo seja visto pelo ângulo da ficção, da subjetividade e da poesia.

Resumindo, talvez seja possível afirmar que os livros *didáticos* e *paradidáticos* são escritos por alguém que, em graus diferentes, pretende ensinar o leitor. São, portanto, comprometidos com a “lição”. Em oposição, os livros de literatura infantil colocam questões humanas vistas no plano da expressão pessoal (e não da informação baseada no conhecimento consensual e objetivo) através da ficção e da linguagem poética. São, em outros termos, ligados à “especulação” (não consigo encontrar palavra melhor).

Não faz sentido, é preciso dizer, falar em atualização periódica, a não ser a ortográfica, quando pensamos em literatura, seja ela infantil ou não.

Seria, naturalmente, perda de tempo pretender ser conclusivo diante de um assunto tão amplo. A obra de Monteiro Lobato, como foi dito, apresenta características que invadem o didatismo e, ao mesmo tempo, a literatura. Em *Pinóquio* encontramos a mesma situação: a mais desatualizada lição de moral de braço dado com a mais maravilhosa e emocionante ficção.

No geral, entretanto, quero argumentar, um jovem leitor que confunda livros que pretendem ensinar coisas objetivas, com outros que pretendem, principalmente, de forma poética e lúdica, especular sobre a existência terá, a meu ver, boas chances de afastar-se da literatura. Cansa receber lição o tempo todo! É preciso, por outro lado, reconhecer perante os jovens que a vida apresenta inúmeros aspectos diante dos quais não faz sentido falar em lições unívocas e objetivas. É preciso ainda que o leitor, jovem ou não, também entre em

contato com textos de ficção, emotivos e lúdicos, que se espantem diante da complexa e ambígua paisagem representada pelo que chamamos “realidade”. Eis o exemplo de uma obra assim:

“– Quando eu lia contos de fadas, pensava que essas coisas jamais aconteciam, e cá estou eu metida numa dessas estórias! Deve haver algum livro escrito sobre mim, deve haver! E quando eu crescer, escreverei um...mas eu já cresci” – e acrescentou, cheia de tristeza: “pelo menos *aqui* não existe mais espaço para crescer.”

“Mas então” – pensou Alice – “será que nunca vou ficar mais velha do que estou agora? Sempre é um consolo...nunca ser uma mulher velha...mas então terei sempre lições para aprender! Oh, isso não, *disso* é que eu não gostaria mesmo!”⁷

Trata-se de um trechinho das *Aventuras de Alice no País da Maravilhas*. Na casa de um certo coelho, Alice encontra uma garrafinha, bebe seu conteúdo, cresce despropositadamente e fica entalada na sala. A partir de fatos estranhos como este e outros, a menina acaba especulando sobre temas que interessam a todos nós, independentemente de faixas etárias: os limites entre a fantasia e a realidade; as diferenças entre adultos e crianças; a deterioração de muitas convenções; e ainda, por coincidência, o nosso tema: a questão da oposição entre o didatismo e a ficção.

Sobre o tema da busca do auto-conhecimento, apenas para citar um exemplo, vale lembrar *A bolsa amarela*, de Lygia Bojunga. Eis um trechinho:

“Cheguei em casa e arrumei tudo que eu queria na bolsa amarela. Peguei os nomes que eu vinha juntando e botei no bolso sanfona. O bolso comprido eu deixei vazio, esperando uma coisa bem magra para esconder lá dentro. (...) Abri um zíper; escondi fundo minha vontade de crescer; fechei. Abri outro zíper; escondi mais fundo minha vontade de escrever; fechei. No outro bolso de botão espremi a vontade de ter nascido garoto (ela andava muito grande, foi um custo pro botão fechar). Pronto! a arrumação tinha ficado legal. Minhas vontades tavam presas na bolsa amarela, ninguém mais ia ver a cara delas.”⁸

Estamos diante de um texto poético e metafórico. Raquel é um ser humano como todos nós, tanto faz a faixa etária, procurando conhecer a si mesma. O livro aborda assuntos onde não cabe a lição objetiva. Ensinar o quê? São emoções, são impressões, sonhos e desejos da personagem. Trata-se, isso sim, de uma especulação singular e poética a respeito da busca do sentido da existência. Deste ponto de vista *A bolsa amarela* é um livro inútil (não ensina nada objetivamente) e, ao mesmo tempo, imprescindível (aborda questões onde não cabe o ensino e sim a especulação e o compartilhar).

Um professor diante de um aspecto gramatical, da Biologia ou da História do Brasil, pode apresentar dados considerados indiscutivelmente concretos e ensinar o aluno.

⁷ CARROLL, Lewis. *Aventuras de Alice no País das Maravilhas e outros textos*. Trad. Sebastião Uchoa Leite. Rio de Janeiro, Fontana/Summus, 1977, p.64

⁸ NUNES, Lygia Bojunga. *A bolsa amarela* 6ª ed.. Rio de Janeiro, Agir, 1981, p.30

Quando os pais do mesmo aluno se separam ou quando alguém se apaixonou ou quando alguém fica obcecado ou quando examinamos a trajetória de um indivíduo em busca de sua própria voz ou quando uma pessoa resolve começar tudo de novo ou quando alguém anda deprimido ou quando alguém morre (seja um herói como Ayrton Senna, seja o pai de uma criança, seja uma criança) ou diante do incompreensível ou diante do imensurável (o gosto pessoal ou o prazer, por exemplo) ou diante do paradoxal, o professor, questionado, vai ensinar o quê? Assuntos como esses, humanos, banais e cotidianos, simplesmente não cabem em lições e só permitem especulações e trocas de impressões.

Seriam esses, entre outros e numa simplificação, justamente os assuntos e temas peculiares à literatura.

Se há uma “utilidade” da literatura na escola, muito mais que ensinar gramática e coisas assim, é a de possibilitar, no plano da expressão, o contato do leitor com uma linguagem expressiva, renovadora e poética, e, no plano do conteúdo, a discussão de temas que, no fundo, acabam sempre especulando sobre a construção do significado da existência.

Obviamente não pretendo, repito, ser conclusivo diante de assuntos tão imensos. Evitar, porém, o debate em torno de uma classificação dos livros infantis, sob qualquer pretexto, parece-me irresponsável: a confusão entre a arte (e a ficção) e o didatismo utilitário costuma ter o perverso dom de afastar as pessoas, independentemente de faixas etárias, da leitura e, principalmente, da literatura.

Para encerrar, recorro a um trecho de *Peter Pan*. Refere-se à lagoa da Terra do Nunca. Com a palavra o narrador, dirigindo-se diretamente ao leitor:

“Se você fechar os olhos e for uma pessoa sortuda, por vezes conseguirá ver um ajuntamento disforme de cores suaves suspensas em meio à escuridão. Aí então, se você apertar um pouco mais os olhos, este ajuntamento tomará forma e as cores se tornarão tão vivas que, com mais uma apertada nos olhos elas chegariam a pegar fogo. Mas um segundo antes que tudo se incendeie, você vê a lagoa. É o mais perto que se pode chegar da lagoa estando aqui no continente, só por um momento celestial. Se fosse possível ter dois momentos, talvez você visse as margens e ouvisse as sereias cantando.”⁹

Eis aí um excelente método para vislumbrar o território ficcional, subjetivo, mágico, metafórico, imensurável, utópico e ambíguo, portanto profundamente humano, da literatura.

Resumo

Este trabalho propõe uma classificação geral e uma caracterização para os diversos tipos de livros produzidos atualmente pela indústria editorial e dirigidos ao público infantil. Cada tipo de livro possui determinadas peculiaridades, um determinado tipo de discurso, têm objetivos distintos e é criado a partir de pressupostos bastante definidos. Como conclusão, o

⁹ BARRIE, J.M. *Peter Pan*. Trad. Maria Antonia Van Acker, São Paulo, Hemus, s/d, p.106.

artigo defende que a indiferenciação entre os inúmeros tipos de obra pode afastar o leitor da noção de arte e literatura e, conseqüentemente, da própria leitura.